

Cidadania e Identidade: uma reflexão transnacional (Estudo de caso entre a Polónia e Portugal)

Anna Kosmider Leal

Assistente, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UFP, Doutoranda em Antropologia (UFP)
kosmider@ufp.edu.pt

Mafalda Mendes

Assistente, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UFP, Doutoranda em Sociologia da Educação (UFP)
mafaldam7@gmail.com

RESUMO

Falar de educação em contexto escolar é falar do meio onde a identidade das novas gerações está a ser construído. A Escola funciona pois como um catalisador do ambiente físico, social, familiar e cultural onde os jovens estão imersos: processa valores, ideais e simultaneamente reflecte e influencia a construção da identidade individual. Mas, o que constitui estas identidades? Serão meramente um reflexo do meio envolvente ou mudam de geração para geração e de acordo com a respectiva nacionalidade? A nossa reflexão neste artigo visa clarificar estas questões pertinentes uma vez que é inato a qualquer ser humano o sentimento de pertença a grupos e espaços. A nossa análise incidirá sobre população estudante de dois países europeus, ambos membros da Comunidade Europeia: Polónia e Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: cidadania – identidade – escola - transnacionalidade

ABSTRACT

To talk about education in school context is to talk about the milieu where the identity of the young generations is being built. School will thus act as a catalizer of the physical, social, familiar and cultural environment where the teenagers are immersed: it processes values, ideas and simultaneously reflects and influences the construction of the individual's identity. But, what constitutes these "identities"? Are they merely a reflection of the surrounding social and cultural milieu or do they change from generation to generation and according to one's nationality? Our reflections in this article aim at clarifying these pertinent questions once it is innate to any human being the feeling of belonging to groups and spaces. Our analysis will be based on student population of two European countries within the European Union: Poland and Portugal.

KEYWORDS: citizenship – identity – school – transnationality

Introdução

Já há alguns anos que nos interessamos pelo papel da escola na construção humana. A Educação existe desde sempre e é uma das actividades mais significativas da nossa vida. No sentido metafórico é a única que permite a imortalidade. A aprendizagem vem sendo transmitida através de diversos métodos e meios de ensino. Nos vários sistemas políticos que condicionaram, e condicionam, as mentalidades, a educação fez sempre parte desses processos.

Desde os rituais iniciáticos das tribos aborígenes aos sedimentos do nosso sistema de cultura europeia – a cultura greco-latina – a aprendizagem foi sendo convertida em educação através de diferentes formas de ensino, com o intuito de perpetuar a herança cultural de cada povo.

Nesta perspectiva, relembramos Bourdieu e Passeron (1985) cuja perspectiva focava a instituição Esco-

la enquanto reprodutora da sociedade e de todos os valores a ela adjacentes. O facto de a sociedade reforçar a importância dos quadros de referência culturais e deles se servir como "homeostase" da vida social é mencionado por autores como Vítor Sil, que afirma:

As representações sociais, suporte coerente das acções, construídos numa interacção entre o sujeito e o seu contexto e assentes em hábitos, permitem a compreensão de atitudes (...) e comportamentos, como traduções e interpretações do contexto social. (Sil, 2004, p. 64).

É assim colocado o enfoque numa visão holística dos fenómenos sociais, numa relação entre meio e o sujeito num determinado espaço e sob as condicionantes de um determinado tempo e de uma determinada cultura. Perspectiva-se o sujeito na sua individualidade complexa, na sua interacção com o Outro e nos seus diferentes papéis enquanto sujeito social.

Que a escola e a educação têm um grande papel na construção das pessoas já é sabido. Agora o nosso objectivo é saber em que sentidos e dirigem as identidades em construção, isto é, com que se identificam jovens portugueses e polacos em idade escolar. O processo educativo é um processo com diversas vertentes de análise. Como exemplos temos os factores linguísticos, culturais, políticos e históricos. Pretendíamos abordá-los a todos, acompanhados por uma reflexão de como contribuem para uma melhor compreensão da Europa e dos europeus.

O estudo¹ foi realizado em dois liceus polacos na área metropolitana de Poznan, o Terceiro Liceu (III Liceum Ogólnokształcące) e o Liceu de Kórnik, e em duas escolas secundárias portuguesas dentro da área metropolitana do Porto, a Escola Secundária de Águas Santas e a Escola Secundária de Rio Tinto.

Através deste projecto pretendemos reflectir sobre o novo quadro sociocultural transnacional dentro do qual os processos educativos devem ser compreendidos, bem como o conceito de Cidadania/Identidade.

1. Trilhos teóricos

Qualquer papel social que um indivíduo desempenhe implica o conceito de cidadania na plenitude dos seus direitos e deveres, bem como o modo como cada um vê, aceita e interage com o Outro de modo a gerar a criação de valores acrescentados ao património físico ou imaterial de uma nação.

É importante notar que conceitos basilares como cidadania, civismo, civilidade e cidadão têm a sua origem etimológica no latim *civitas*, significando “cidade”, e designará um estatuto de pertença de um indivíduo a uma comunidade politicamente articulada, a qual lhe atribui um conjunto de direitos e obrigações, um compromisso de parte a parte. Podemos mesmo falar, segundo Cortina (2005), de uma relação legal e moral baseada num sentimento de identidade. Este facto obriga-nos a analisar, situando, o *indivíduo* num espaço e num tempo, enquanto elemento condicionado e condicionador em relação ao seu meio envolvente. Podemos ainda lembrar autores como Clermont Perret (1995) que fazem notar os estreitos laços existentes entre a instituição escola e o sistema social, sendo que o primeiro terá tendência a perpetuar o segundo, tanto no que este tem de positivo como de negativo. Opera-se pois a transmissão de conceitos, pré-conceitos e preconceitos, atitudes, valores e crenças, estes constituindo uma *cultura* do presente, cultura esta que numa perspectiva sociológica é algo apreendido e não herdado.

Presentemente, falar em cidadania vai muito além de falar dos direitos e obrigações de cada indivíduo dentro de um estado de direito. A cidadania, direito consagrado pelo capítulo V da Carta dos Direitos Fundamentais

da União Europeia (2007), já não se refere somente ao vínculo de pertença de um indivíduo a uma identidade nacional através do seu território, leis, língua, cultura, tradições e símbolos nacionais como o hino ou a bandeira. O processo de rápida globalização que presentemente vivemos e a maior mobilidade de pessoas dentro e além fronteiras reflecte-se no modo como nos vemos e como vemos os outros, levando ao aparecimento dos conceitos de cidadania local e de cidadania transnacional, esta última remetendo para a extraterritorialidade do conceito e sentimento de cidadania.

Retomando o conceito de reprodução social de Bourdieu e Passeron, podemos ver-nos como filtros do meio e do tempo: recebemos estímulos, assimilamos conteúdos e valores, estes operam em nós transformações, para serem posteriormente reenviados para o meio social. A qualidade desta nossa “emissão” estará directamente relacionada com a qualidade e diversidade daquilo que recebemos e assimilamos.

Neste âmbito, é indiscutível o papel da escola enquanto instituição e espaço catalisadores de valores. Valores que têm origem no meio físico e social e que a ele voltarão uma vez terminada a vida académica. Acresce ainda o facto da escola, para além de estar inserida na sociedade, ser um local embrionário no qual se desenvolvem futuros cidadãos activos.

A UNESCO (1989) em 1976 refere quatro intervenientes da prática educativa: os docentes, os alunos, os demais agentes pedagógicos e o ambiente, este último compreendendo as pessoas que intervêm ou podem vir a intervir no processo educacional, tanto em contexto escolar como extra-escolar. Menciona ainda como condicionantes os meios financeiros, o tempo – enquanto possível optimizador das práticas educacionais – e os espaços.

Em primeiro lugar, devemos notar a escolha do termo espaços em detrimento de escola por parte da UNESCO. Tal aponta para o facto de não ser apenas no edifício da escola que a educação, a aprendizagem e o ensino podem acontecer. Se analisarmos o étimo da palavra verificamos que “escola” vem do latim *schola* através do grego *scholé*, que, inicialmente, significava repouso, descanso e tempo livre. Só mais tarde adquire a definição de espaço onde é veiculada a educação.

Se avançarmos um pouco mais na linha temporal, constatamos que a polis de Platão (428-347 a.C.) em A República é uma verdadeira cidade educativa cuja harmonia social era atingida através do enriquecimento cultural dos seus cidadãos. Esta perspectiva de análise é também corroborada por vários teóricos tal como o americano John Dewey (1859-1952) que refere o conceito de aprendizagem activa: só faz sentido estudar o sujeito se tivermos em conta o seu meio pois será a partir deste que cada um edificará a sua aprendizagem e educação. A Escola deverá sobretudo preparar o sujeito aprendiz para a vida a partir dela mesma. Também o behaviorista Skinner (1904-1990) constrói o conceito de engenharia social na qual o meio será o controlador supremo do conhecimento.

Em relação a este último ponto, é mais uma vez importante atentarmos no étimo latino da palavra. Tal

¹ Realizado de acordo com parecer da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa.

como refere Belmira Almeida Santos, currículo deriva do latim *currere* que “significa caminho, percurso a seguir, trajetória ou jornada, sustentando a ideia de dinamismo e de acção” (Santos:2007, 29). A autora aponta o currículo como um projecto cultural, social e político mediador entre escola e sociedade, referindo-o como ponto de convergência de sinergias, as quais, devidamente conjugadas, levarão ao pleno desenvolvimento do sujeito, do grupo ao qual ele pertence, e, numa escala maior, da sociedade:

O pressuposto básico do sucesso educativo assenta, sobretudo, nas sinergias, tidas como uma combinatória de diversos potenciais e energias que se reuniram para a realização, coordenação, articulação e concretização de projectos com um objectivo comum. (Santos, 2007, p. 20).

As energias convertidas em sinergias mencionadas por Belmira Almeida Santos são em grande parte extraídas do meio. Na verdade, este é o principal fornecedor de matéria-prima no que concerne a tudo o que os aprendentes levam para a escola enquanto bagagem cultural individual. Será pois este meio espacial e cultural que entrará em concorrência com o currículo oficial ministrado pela instituição escola e que poderá fazer a diferença no que concerne as representações de cada indivíduo do mundo que o rodeia.

Manuel Tavares (1998) aborda as noções de «pedagogia invisível» ou «currículo oculto» de Camilleri (1985)² para a estes introduzir a complementaridade do ponto de vista do sociólogo Bernstein: para este sociólogo inglês, a pedagogia invisível englobava todos os tipos de transmissões libertas de qualquer ideologia. Como “currículo oculto” entendemos assim aquelas vivências casuais, não programadas, que os alunos experienciam na escola (...), mas que não são em si mesmas claramente incluídas no planeamento e nem estão na consciência dos responsáveis pela escola (Kelly, 1981).

Preconizava pois a validade e pertinência de traços culturais teoricamente à margem dos padrões oficiais. Levanta-se pois a questão: até que ponto estes traços culturais “marginais”, locais e nacionais, influenciam as percepções e o sentimento de identidade e de pertença de cada um.

Após estas breves reflexões teóricas, e no âmbito da presente reflexão, atentaremos em cidadãos em contexto escolar, simultaneamente enquanto seres individuais, portugueses e polacos, europeus e, inevitavelmente, futuros cidadãos do mundo. Levantam-se pois

2 Este autor associa a pedagogia invisível à cultura das crianças mais desfavorecidas, a qual ultrapassa tudo o que a Escola poderá ensinar devido à sua diversidade e especificidade oriundas nomeadamente do contexto familiar. Esta perspectiva antropológica é reforçada por Isabel Ramos Duarte (2000) que refere a noção de para Camilleri: “É o conjunto mais ou menos consistente das mais persistentes e partilhadas significações adquiridas que os membros de um grupo, devido à sua afiliação a este grupo, são levados a ordenar de maneira preponderante a partir de estímulos provenientes do meio ambiente e deles próprios, estabelecendo em relação a estes estímulos atitudes, representações e comportamentos comuns valorizados, que tendem a reproduzi-los por via não genética”

questões como: o meio físico, social, familiar e cultural – no qual a escola se inscreve – influenciam o modo como um jovem se vê e vê os outros? De que forma? Como se traduz essa diferença – ou não – em termos do sentimento de pertença e dos valores a ele associados? Com o quê ou com quem se identificam os futuros cidadãos activos portugueses e polacos?

Metodologia

O estudo incidiu no conceito de cidadania/identidade e serão revelados os resultados de um elemento da investigação. O objectivo será perceber a construção dos cidadãos europeus, nomeadamente nos alunos das escolas secundárias dos países mencionados anteriormente.

O que constrói o nosso conceito de cidadania? O que nos caracteriza ou identifica?

São perguntas muito complexas e de difícil resposta. O estudo efectuado nas duas escolas polacas e duas escolas portuguesas é apenas uma tentativa de dar essas respostas, reflectindo uma imagem da cidadania em construção, representada pelos jovens cidadãos polacos e portugueses.

A principal razão da escolha foi que estudar dois países, um da Europa do Sul e outro da Europa de Leste originava um espectro geográfico muito amplo. Iremos ver mais à frente que apesar das diferenças inerentes à cultura existem muitas semelhanças entre duas realidades de dois cantos da Europa. As duas razões conjuntas deram raiz a este estudo.

Foi importante escolher como participantes no estudo alunos que representassem o próprio país e ao mesmo tempo diferentes classes sociais, domicílios e modos de pensamento. Para obter este efeito era preciso escolher uma metrópole e não ser a capital do país, onde a mistura étnica e social poderia distorcer o reflexo real da nação.

Em Portugal foi seleccionada a área metropolitana do Porto, e na Polónia a área metropolitana de Poznan. Nos dois casos, as cidades estudadas fazem papel de “segunda cidade” do país, em termos geográficos e económicos.

O passo seguinte foi a selecção das escolas secundárias em cada um dos países. Esta tarefa não foi muito fácil pois ainda não existe grande abertura das escolas para este tipo de investigação com os alunos.

Na área do Grande Porto, fizeram-se estudos na Escola Secundária de Águas Santas e na Escola Secundária de Rio Tinto.

A primeira escola mencionada foi nomeada em função de ser mais monocultural, e a segunda em função de ser mais intercultural. Estas nomeações foram feitas com a ajuda das opiniões da direcção e dos professores.

Na Polónia as duas escolas da área metropolitana de Poznan, foram o Terceiro Liceu (III Liceum Ogólnokształcące) e o Liceu de Kornik, situado a 30 km da cidade. A nomeação das escolas foi baseada no mesmo processo verificado em Portugal.

Foram estudadas três turmas em cada escola, com alunos de idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos. As

turmas portuguesas tinham por volta de 20 alunos cada, e as polacas por volta de 30, totalizando 150 alunos.

O objectivo seria diferenciar o conceito de cidadania com cidadania local e cidadania transnacional. Era também pertinente saber como são ou estão a ser construídas as identidades dos cidadãos do futuro, os alunos.

O exercício elaborado para obter estas informações compôs-se por nove indicadores da identidade:

1. Ser Português/esa (Polaco/a)
2. Ser Cidadão/ã do Porto ou da respectiva cidade
3. Ser Europeu/eia
4. Ser Ibérico/a (Cidadão/ã do Leste)
5. Ser Católico/a
6. Fazer parte da minha família
7. Fazer parte do meu grupo de amigos
8. Fazer parte de outro grupo (de dança, futebol, coro)
9. Outro (qual?)

A tarefa do aluno consistia em ordenar os itens do maior grau de importância para o menor, no que dizia respeito à sua identidade.

Reflexão sobre os resultados

Serão revelados os resultados dos alunos da Escola Secundária de Águas Santas na Maia (Gráfico 1), distrito do Porto e dos alunos polacos do terceiro Liceu em Poznan (Gráfico 2).

No eixo horizontal representa-se o grau de importância do indicador de identidade (1 a 9) e no eixo vertical o número de alunos.

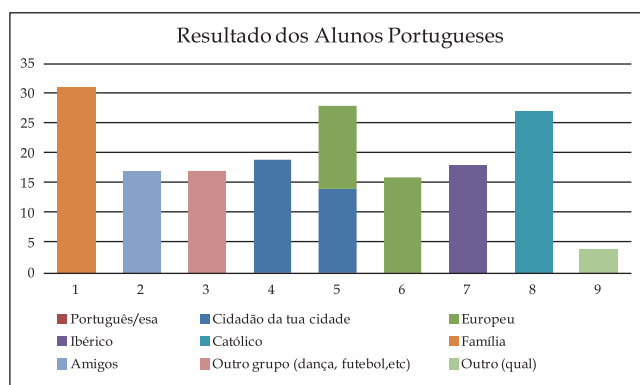


Gráfico 1 - Resultados dos Alunos Portugueses

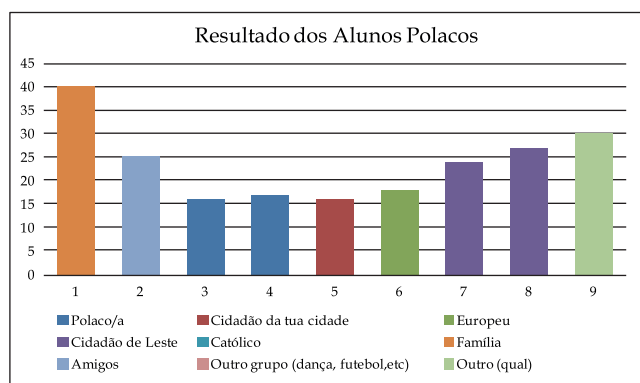


Gráfico 2 - Resultados dos Alunos Polacos

Mediante estes gráficos verificou-se que em primeiro lugar, os alunos portugueses e polacos valorizam a família. Este resultado terá a ver com o conceito de família ainda bem vincado nestas duas sociedades e sobretudo pelos sentimentos de afectividade e a comunhão de ideias e valores dentro do seu “clã”.

Em segundo lugar os alunos de ambas as nacionalidades também mostraram a mesma preferência. A amizade e o grupo de amigos fazem grande parte da identidade destes jovens cidadãos.

Primeira observação: Embora com culturas e circunstâncias geográficas e sociais diferentes, a família e os amigos são a base comum da identidade destes jovens europeus.

Os portugueses, como que a dar seguimento ao “círculo da amizade” preferiram na terceira posição “Outro grupo” (com destaque para equipas de futebol e grupos de dança).

Enquanto os jovens polacos se mostraram mais nacionalistas, os portugueses sublinharam o bairrismo e o orgulho em ser cidadão local.

Poderá justificar-se a primeira escolha pelo facto do povo polaco desde sempre ter sentido algumas ondas de choque vindas dos seus vizinhos. Na maioria dos casos bastante negativas. Este factores provocaram a existência de sentimentos de suspeição, insegurança, e alguma inferioridade que vêm do passado e vão existindo até aos dias de hoje atingindo as gerações mais jovens. O sentimento forte da necessidade de protecção do seu país perante a adversidade externa fez uma marca e conseguiu subsistir na criação da identidade dos jovens da Polónia.

A escolha dos alunos portugueses tem também a ver com factores culturais. Neste caso com o estilo de vida e mais concretamente com futebol, desporto-rei dos portugueses, que já ultrapassou o seu estatuto de desporto a atingiu um patamar mais alto - uma marca nacional, neste caso na identidade. Verificou-se também a divergência Norte-Sul que para além do desporto rege-se por factores históricos. Embora alguns alunos não consigam explicar, sentem-na na maior parte dos casos transmitida no seio familiar.

O indicador “ser Europeu” em sexto lugar coincidiu nas duas nacionalidades, o que significa um conceito de cidadania europeia ainda pouco presente na vida dos jovens. Isto poderá explicar-se pela entrada de ambos os países ser relativamente recente - 1986 no caso português e 2004 no caso polaco - e não ter ainda decorrido o tempo necessário para a criação de um sentimento de pertença. Por outro lado pode significar um bom começo para a cidadania transnacional, anteriormente mencionada.

Ser cidadão Ibérico ou cidadão do Leste foram classificados em sétimo lugar, onde no caso dos portugueses, Ibérico tinha uma conotação neutra e no caso dos Polacos tinha uma conotação negativa, facto que se relaciona com factores históricos (ressentimento devido a traição durante a Segunda Guerra Mundial) e com os estereótipos culturais (crime e prostituição).

Os elementos seleccionados como menos pertinentes na construção da identidade, foi fazer parte de um

grupo (futebol, dança, coro) na consideração dos alunos polacos e ser Católico na consideração dos alunos Portugueses. Esta informação revela diferenças culturais significativas entre as duas nacionalidades estudadas. Podemos explicar esta escolha devido à crença religiosa, muito mais evidente na Polónia do que em Portugal na faixa etária estudada.

Reflexões finais

Com a presente análise procurámos aferir várias questões. Com o que se identificam os jovens que presentemente frequentam a escola secundária? Esta identificação varia ou é condicionada pelo seu lugar de origem? O meio envolvente, o seu passado pessoal e a história e a cultura do seu país influenciam as suas escolhas?

Começamos por referir a (crescente) abrangência do termo cidadania nos tempos que correm pois os desafios são crescentes: tanto para cada indivíduo como para a instituição escola, a qual assiste a uma vertiginosa mudança da sociedade à qual se tenta adaptar uma vez que é a ela que compete formar os novos cidadãos. Cidadãos cada vez mais dos mais diferentes quadrantes e origens, os quais trazem na bagagem muito mais do que os livros: trazem experiências, um passado pessoal, histórico e cultural, o(s) qual(is) terão de ser adaptados ao Outro.

Procuramos analisar a Escola enquanto “fábrica” de futuros cidadãos activos, onde se aprende e ensina de tudo: do currículo oficial ao currículo oculto.

Os resultados obtidos mostraram-nos que uma grande percentagem dos jovens inquiridos identifica-se principalmente com a família e amigos, o que revela a importância das raízes bem como a adesão aos valores por elas veiculados.

Deve ser notado que no caso português, o terceiro indicador de identidade mencionado é o “Outro grupo” no qual está incluído o futebol. Tal facto evidencia que tendemos a identificarmo-nos com aquilo que nos alimenta o ego e projecta de forma positiva. Devemos ainda referir que no caso polaco não existe nenhum desporto de destaque relevante. Logo, este mesmo indicador obteve o último lugar.

No que diz respeito ao indicador “Ser Europeu”, obteve o sexto lugar em ambos os casos. Tal revela que o sentimento de cidadania e, por conseguinte, de pertença, europeia, ainda não é significativo mas, curiosamente, aparece na mesma posição nos dois países. Tal deverá ser interpretado de forma positiva ou negativa? Será boa a preservação e valorização das raízes? Será boa ou má a quase indiferença ao facto de estarmos inseridos num contexto social mais alargado que é a Europa e mais concretamente, a União Europeia? Levanta-se pois a questão: já estaremos preparados e a preparar eficazmente as futuras gerações para os novos desafios locais, nacionais e europeus?

Referências

- Alred, Geof et al. (2008). *Education for Intercultural Citizenship: concepts and comparisons*. Cleveland, Multicultural Matters.
- Bourdieu, P., Passeron, J.C. (1985). *Les héritiers: les étudiants et la culture*. Paris, Éditions de Minuit.
- Camilleri, C. (1985). *Anthropologie culturelle et éducation*. Paris, Unesco.
- Cortina, A. (2005). *Ciudadanos del mundo : hacia una teoría de la ciudadanía*. Madrid, Alianza Editorial.
- Duarte, Maria I. (2000). *Alunos e Insucesso Escolar*. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.
- Fernandes, A. (2009). *A Europa e os desafios à construção da cidadania: apresentação/António Teixeira Fernandes*. Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras.
- Giddens, Anthony (2004). *Sociologia*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kelly, A. V. (1981). *O currículo. Teoria e Prática*. São Paulo, Harbra. pp. 03-07.
- Lopes, Amélia, Leite, Carlinda (2007). *Escola, Currículo e Formação de Identidades*. Porto, Edições Asa.
- Morais, Ana M. (2000). *Estudos para uma Sociologia da Aprendizagem*. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.
- Pinar, William (1998). *Curriculum Towards New Identities*. New York, Garland Publishing.
- Marques, Ramiro (2008). *A cidadania na escola*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Perret-Clermont, Anne-Nell (1995). *Desenvolvimento da inteligência e interação social*, 2ª ed., Lisboa, Instituto Piaget.
- Roldão, Maria do C. (2006). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências*. Lisboa, Editorial Presença.
- Santomé, Jurjo T. (1995). *O Currículo Oculto*. Porto, Porto Editora.
- Santos, Belmira A. (2007). *Comunidade Escolar e Inclusão – quando todos ensinam e aprendem todos*. Lisboa, Instituto Piaget, Horizontes Pedagógicos.
- Sil, Vítor (2004). *Alunos em situação de insucesso escolar*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Sprinthall, Norman, Sprinthall, Richard (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa, McGraw-Hill.
- Tavares, Manuel V. (1998). *O Insucesso Escolar e as Minorias Étnicas em Portugal*, Lisboa, Instituto Piaget.
- UNESCO (1989 [1976]). *O Educador e a Abordagem Sistemática*. 3ª ed., Lisboa, Editorial Estampa.